

Tão dúbio, tão coerente: forma e conteúdo nas crônicas jornalísticas de Sayed Kashua

JULIANA PORTENOY SCHLESINGER

Bacharel em jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em antropologia pela Universidade Hebraica de Jerusalém e doutora em Língua e Literatura Hebraica pela Universidade de São Paulo. Pesquisadora de pós-doutorado da Universidade de São Paulo, com apoio da Fapesp.

RESUMO Este artigo consiste na análise de duas crônicas jornalísticas do escritor árabe-israelense Sayed Kashua publicadas no jornal israelense *Haaretz*. Estes textos são selecionados devido à sua riqueza de conteúdo e pelo uso de estratégias retóricas, tais como a autoironia e o sarcasmo, para expor os conflitos pelos quais passa o “eu do cronista” retratado pelo autor. Este estudo tem como base os Estudos Culturais e os Novos Paradigmas Literários, ferramentas que permitem o estudo das crônicas jornalísticas como textos literários. Nestas crônicas, de uma maneira despreziosa, partindo de experiências subjetivas e de temas familiares, com autoironia e tom satírico, Kashua reporta as experiências de um árabe israelense que vive num embate em torno de suas duplas lealdades e ideologias conflitantes, refletindo uma negociação entre sua etnicidade e sua nacionalidade. A crônica, neste contexto, é considerada o local apropriado para a escrita de Kashua: a ambiguidade do gênero é similar à necessidade de quebras de dualidades na sociedade israelense para entendermos e convivermos com o “eu do cronista” de Sayed Kashua.

PALAVRAS-CHAVE Sayed Kashua; crônicas jornalísticas; autoironia; árabe israelense; *Haaretz*.

ABSTRACT This paper consists of the literary analysis of two journalistic chronicles written in Hebrew by the Muslim Arab Israeli author Sayed Kashua published in the Israeli newspaper *Haaretz*. These texts are selected due to their richness of content and use of rhetorical strategies such as self-irony and sarcasm to expose the conflicts through which the “I of the chronicler” portrayed by the author goes through. This analysis will rely on theoretical assumptions of Cultural Studies and the “New literary paradigms”, tools that will enable us to study the journalistic chronicle as a literary text. In these chronicles, in a non-pretentious way, coming from the subjective experiences and family topics, with self-irony and in a satirical way, Kashua reports the experiences of an Israeli Arab who lives in a clash over his dual loyalty and conflicting ideologies, reflecting a negotiation between his ethnicity and his nationality. The chronicle, in this context, is considered the appropriate location for Kashua’s writings: the ambiguity of the literary genre is similar to the necessity of breaking dualities in Israeli society to understand and to be acquainted with the “I of the chronicler” of Sayed Kashua.

KEYWORDS Sayed Kashua; journalistic chronicles; self-irony; Arab Israeli; *Haaretz*.

A CRÔNICA JORNALÍSTICA É UM GÊNERO POLÊMICO. MUITOS AUTORES AFIRMAM que a fugacidade de seu meio de comunicação é limitadora da sua qualidade e possibilidade de perpetuação. Contudo, no Brasil, muitos e importantes são os críticos literários¹ que, já há décadas, consideram-na, até por sua característica ambiguidade, uma grande fonte de análise literária.

Ao buscarmos nos Estudos Culturais e naquilo que Simon (2011) denominou “Novos paradigmas literários” os argumentos para contra-atacar as construções discursivas e os preconceitos que os pesquisadores da crônica enfrentam quando a escolhem como objeto de pesquisa, devemos quebrar diversas dualidades clássicas, estando entre elas a crônica/conto, escritor/jornalista, narrador/autor, ficção/não ficção, gênero/forma, fugacidade/perenidade, livro/jornal e público/privado (SIMON, 2011, p. XII-XIII). A nomenclatura tradicional deve ser revista para que a crônica ganhe a possibilidade de ser objeto de estudo, considerando-se que um gênero dúbio como a crônica carece de

instrumentos dúbios de análise, que suportem dualidades e antagonismos.

A mesma dualidade é levada para a análise da categoria narrativa de uma crônica jornalística. Simon (2011) acredita que os termos “personagem” e “narrador” não são sempre adequados para classificar os seres presentes em determinadas crônicas. Ele ainda acrescenta: “(...) em certas crônicas, a primeira pessoa do discurso nem sempre pode ser vinculada à pessoa física do cronista ou do escritor, porque, muitas vezes o *eu* se abstém de narrar optando apenas por comentar ou expor sentimentos” (SIMON, 2011, p. 29). Para ele, “(...) este *eu* é uma criatura do cronista, criação que se desvincula de qualquer compromisso verídico ou autobiográfico, pois se inscreve em um modelo de texto que flerta também com situações científicas” (SIMON, 2011, p. 53). Assim, é proposta a terminologia “eu do cronista” para desatrelar o autor das crônicas daquelas situações e emoções expostas por ele nos textos.

Oliveira (2005, 2008) afirma ver a crônica como um espaço narrativo tensionado entre as estratégias narrativas de um autor ficcional letrado, que conhece os modelos literários e sabe manipular o discurso e seus efeitos sobre o leitor, e a despreensão de um relato simples e espontâneo, próximo aos acontecimentos do cotidiano e capaz de criar laços com o leitor comum. Para Oliveira (2005), é sua liberdade de uso de linguagens e estilos que auxilia o autor a tratar temas difíceis.

A análise literária destes textos, baseada nos Estudos Culturais, que privilegia o destaque aos conflitos ideológico e identitário nos quais convive o cidadão pós-moderno, reforçará a crença de importantes autores brasileiros, tais como Antonio Candido (1992, 2000) e Davi Arrigucci Jr. (2001), de que a crônica jornalística pode e deve ser lida e analisada como um texto literário, reduzindo as-

sim a escassez de estudos no Brasil que assumam o papel analítico da produção de cronistas.

Neste artigo, analisarei duas crônicas do jornalista e escritor árabe israelense Sayed Kashua. A ambiguidade inerente ao gênero faz par com as ambiguidades inerentes aos contextos de produção destas crônicas, sejam eles a sua língua de escrita – afinal, é um autor árabe que se utiliza do hebraico, a língua renascida do projeto sionista, para contar a seu leitor judeu, falante do hebraico, a sua maneira de lidar com a complexidade que é viver num país judaico; os pertencimentos identitários do autor-escritor – ser israelense e árabe; as temáticas tratadas por ele – sentimentos de culpa e prazer por viver em Israel; por fim, os recursos de linguagem utilizados por ele, tal como a ironia, instrumento linguístico permeado por uma dupla de opostos, humor e tragédia.

O tratamento de temas complexos, tal como o preconceito, é especialmente visto nas suas crônicas jornalísticas. Com descontração e linguagem coloquial, embora dotado da formalidade característica ao gênero, Kashua relata as experiências de um árabe israelense que, embora não seja partidário da causa palestina e nem renegue sua cidadania israelense, vive num embate em relação a suas conflitantes ideologias.

A população não judaica israelense, cuja maioria é descendente dos aproximadamente 160 mil árabes que permaneceram em Israel depois do estabelecimento do Estado em 1948, é formada de árabes portadores de cidadania israelense, que hoje correspondem a cerca de 20% da população total do país.² Israel constitui-se numa democracia étnica, que privilegia a população judaica em detrimento do restante da população, embora o país tenha se comprometido a garantir direitos iguais entre seus cidadãos – e, de fato, cidadãos judeus, assim como não judeus, possuem totais direitos

políticos, econômicos, legais e religiosos assegurados pelo Estado, incluindo direito de expressão e organização política, direito ao voto e de segurança. O sistema legal israelense permite que o Estado tome decisões estratégicas visando à garantia da manutenção de seu *status* judaico. As consequências disso são uma enorme diferença entre as populações judaica e árabe de Israel em termos de nível de escolaridade, *status*, expectativa de vida e ganhos salariais. A comunidade árabe de Israel é politicamente subdesenvolvida e está economicamente em desvantagem em relação à maioria judaica.

A história de Israel também esteve acompanhada por um medo em relação à segurança do Estado. O povo judeu sempre foi alvo de perseguição, e o Estado de Israel convive com esse sentimento de maneira intensa e constante. A pátria que finalmente garantiria a segurança de seu povo vê-se permanentemente ameaçada por países árabes vizinhos e por facções islâmicas terroristas, que não reconhecem a sua existência. É nesse contexto que o cidadão árabe israelense é visto como uma ameaça interna à segurança do povo judeu. Ele é considerado uma extensão dos outros povos árabes e, assim, como um opositor em potencial à existência do Estado de Israel. Ele também representa uma ameaça demográfica ao perfil judaico do Estado de Israel.

Apesar desse quadro, os árabes israelenses constituem aquilo que se considera ser uma minoria étnica³ – aquela que aceita sua cidadania israelense e luta por um *status* melhor na sua sociedade – em oposição a uma minoria nacional. Eles não almejam um Estado próprio e nem gostariam de ir viver num Estado Palestino vizinho a Israel.

As crônicas jornalísticas de Sayed Kashua selecionadas para análise mostram um árabe israelense que vive num constante conflito identitário. O encontro da sua cidadania israelense e de sua ori-

gem étnico-religiosa árabe muçulmana, são postos, nas crônicas de Kashua de maneira satírica e irônica. A convivência com sentimentos de culpa devido à sua dupla lealdade e conflitantes fidelidades resultam em crônicas complexas e ambivalentes, tal como o gênero literário nelas trabalhado.

O jornal israelense que publica as crônicas de Sayed Kashua semanalmente é o *Haaretz* (em hebraico, *A Terra*).⁴ Fundado em 1918, quando aquela região, na época Palestina, ainda estava sob o Império Otomano, é o mais antigo jornal diário israelense. Publicado em versão em hebraico e inglês, seu projeto editorial utiliza-se de poucas imagens e dá preferência aos textos, especialmente análises políticas e sociais. Seu foco também está em resenhas literárias e reportagens investigativas. São vendidos cerca de 65 mil exemplares durante a semana e 100 mil nos finais de semana. A versão em inglês vende cerca de 15 mil exemplares durante a semana, e o site em inglês registra a visita de mais de um milhão de leitores todo mês.

Embora sua circulação seja relativamente baixa, *Haaretz* é considerado o jornal mais influente no Estado de Israel, que tem como leitores a elite intelectual, política e econômica israelense. Eles são mais ricos e tem maior nível de escolaridade quando comparados aos leitores de outros jornais israelenses e são, em sua maioria, originários dos judeus provindos da Europa Oriental. Shmuel Rosner, correspondente do jornal nos Estados Unidos, afirmou ao jornal *The Nation*: “Seus leitores têm maior nível de escolaridade e são mais sofisticados, mas o resto do país nem sabe que ele existe”.⁵

O perfil editorial esquerdista, que traz diversas versões para o conflito entre Israel, os países árabes, o povo palestino e os árabes israelenses,⁶ tornou o jornal impopular. Sua circulação diminuiu nos últimos anos. Segundo Schult (2008), o fato de o jornal *Haaretz* estar em colapso reflete a crise

da esquerda israelense. Fora de Israel, *Haaretz* é visto como um jornal que assume seu posicionamento contra a ocupação israelense nos territórios palestinos.⁷ Sayed Kashua era articulista do jornal semanal de Jerusalém *Kol Hair* (Voz da Cidade) quando foi convidado, em 2005, para escrever uma coluna no *Haaretz*, que, desde então, é publicada no suplemento de fim de semana “*Mussaf*”.

Sayed Kashua nasceu em 1975 na pequena cidade árabe israelense de Tira, na região do Triângulo (oeste da Linha Verde, fronteira com a Cisjordânia). Quando adolescente, deixou sua cidade natal ao ser aceito numa prestigiosa escola em Jerusalém, a Escola de Ciências e Artes, destinada a alunos com capacidades especiais, cuja língua de instrução é o hebraico e cujo público majoritário é o judaico.⁸ Kashua é uma exceção ao que tange à sua origem muçulmana e ao fato de somente escrever e publicar em hebraico, ao contrário de outros autores que têm origem cristã ou drusa e escrevem tanto em hebraico quanto em árabe. Posteriormente, estudou filosofia e sociologia na Universidade Hebraica de Jerusalém.

Além de escrever a coluna no *Haaretz*, Kashua é roteirista das três séries do programa humorístico da televisão local no Canal 2, o *Avodá Aravit* (*Trabalho Árabe*). Pela primeira vez na televisão israelense, em horário nobre, um programa apresentou personagens de origem árabe que falam a língua árabe. *Avodá Aravit* recebeu o prêmio de Melhor Série de Televisão no Festival de Filmes de Jerusalém em 2008.

Sayed Kashua escreveu três romances. *Aravim Rokdim* (*Árabes Dançantes*), publicado em hebraico em 2002, foi traduzido para sete línguas e será adaptado ao cinema. Seu segundo livro, *Vaiehi Boker* (*Fez-se a manhã*), de 2004, foi traduzido para sete línguas, inclusive para o árabe. Ambos os romances receberam diversos prêmios literários. *Guf She-*

ni Iachid (*Segunda Pessoa do Singular*), publicado em 2010, foi um dos finalistas do prêmio literário Sapir, concedido a jovens escritores israelenses. Em 2011, venceu o prêmio Bernstein de Literatura. Nenhuma de suas obras foi traduzida ao português.

O trabalho de Kashua é reconhecido pelo uso do humor autoirônico e, muitas vezes, ácido. Schlesinger (2011) o compara ao humor utilizado pelos judeus da Europa Oriental durante o século XIX, época e local em que os judeus se encontravam em perigo real de vida e onde as condições de vida eram as piores possíveis. Dotado de características próprias, este humor, cuja língua maior de expressão era o ídiche, se espalhou por todo aquele continente e chegou inclusive aos Estados Unidos devido à migração massiva de judeus para lá. O humor irônico tornou-se uma arma daqueles judeus que queriam mudar a sua vida pelo menos no mundo da imaginação. O próprio autor⁹ diz-se ser influenciado por autores como Shalom Aleichem, mas salienta uma diferença substancial entre a obra daqueles autores judeus e a sua própria: “Eles escreviam em ídiche, falavam para a sua gente, com a sua gente. Era uma língua interna, restrita ao ambiente judaico. Eu, ao contrário deles, escrevo em hebraico. Pessoas de origem árabe podem até me ler, mas meu público alvo é o judaico, e considero isso uma diferença substancial”.

Com suas diferenças e especificidades, tanto naquelas obras daqueles judeus que viviam em situação de precariedade máxima na Europa Oriental do século XIX quanto na obra de Kashua, humor e tragédia se encontram decididamente na ironia e são impossíveis de ser dissociados um do outro. O eco do humor tradicionalmente judaico faz-se presente no trabalho de Kashua, e exclusão, repressão, preconceito e discriminação fazem parte de seus anti-heróis. Outro traço que torna a obra de Kashua comparável àquelas próprias do humor

judaico tradicional é que todos esses temas florescem não somente dentro da sociedade em que ele é uma minoria, mas também dentro de seu próprio povo e, principalmente, dentro de si mesmo. A manifestação de Kashua contra aquilo que o oprime não se restringe aos judeus. Kashua faz ditos jocosos do próprio árabe israelense. Ele o ridiculariza em sua própria concepção de pessoa e na maneira como ele reage a uma sociedade que legalmente o reprime e o discrimina. Assim como diz a piada judaica “Não me ataquem. Eu mesmo faço isso, melhor do que ninguém” (ZIV, 1986, p. 22), ele se expõe, expõe seus próprios artifícios para alcançar a sua própria fama, rindo de si mesmo e da situação ambígua em que se encontra.

Os temas por ele tratados são sensíveis, e a maneira como ele os trata é delicada ao ponto de ele ter sua obra censurada na maior parte do mundo islâmico e sofrer ameaças por parte daquela população. Segundo Kashua,¹⁰ isso acontece porque o outro (muçulmano israelense) vê a si mesmo nas suas personagens, e a imagem que ele vê não o agrada nem lhe causa orgulho. Foi somente em 2011 que uma obra sua foi traduzida para o árabe. *Fez-se a manhã* foi traduzido por uma editora libanesa, a qual, segundo Kashua,¹¹ precisou ter muita coragem.

As crônicas jornalísticas de Sayed Kashua no *Haaretz* que serão a seguir analisadas refletem uma negociação entre o árabe israelense e o ambiente judaico em que vive. Frequentemente de maneira cômica, o protagonista vive na tensão entre ser um cidadão israelense e um suposto inimigo de Israel. A desconfiança é tanto dele mesmo quanto do judeu.

Na crônica *Car'u li Mordechai (Chamaram-me de Mordechai)*, publicada em sua coluna no dia 6 de março de 2009, Kashua assim relatou a relação de seu protagonista com seu vício pela bebida e o

sentir-se alvo de preconceito:¹²

(...) além disso, sobre o que mais eu poderia escrever? Como conseguiria ideias sem sair de casa? Eu pensei que, se eu saísse com minha esposa, eu seria capaz de não beber. Eu sabia que ela era capaz de me manter sob sua mira. ‘Desculpe-me’, disse o segurança fora do restaurante ao impedir minha entrada, ‘você não pode entrar aqui’. ‘Que vergonha, seu racista desgraçado’, eu disse a ele, dirigindo-me à minha esposa. ‘Por que você me traz a um lugar imundo como este, que não deixa árabes entrarem?’, elevando minha voz com raiva. ‘Não tem nada a ver’, disse minha esposa tentando me acalmar e voltando-se para o guarda num tom convincente. ‘Ele parou de beber’. ‘Realmente?’, perguntou o guarda, incapaz de esconder seu olhar atônito. ‘Sim, parou’, confirmou minha esposa. O guarda tirou seu fone de ouvido, arrumou sua jaqueta e sussurrou algumas palavras antes de nos abrir a porta do restaurante: ‘Entrem, por favor, e tenham uma ótima noite’. ‘Você não se lembra?’, perguntou ela depois de termos pedido uma jarra de limonada. ‘Na última vez que você esteve aqui, tiveram que chamar a polícia’. ‘Eu sinto muito’, disse balançando a cabeça (...).

São o vício em álcool e o mau comportamento do eu do cronista que o barram na entrada do café, e não o fato de ser árabe. Expor isso ao leitor de origem judaica é atirar sobre si mesmo a pedra. É se ridicularizar em público e relegar o preconceito do Estado contra seu cidadão árabe às entrelinhas, como uma possibilidade que poderia acontecer se não fosse o próprio árabe israelense a impedir sua própria entrada. “Eu mesmo me recrimino, eu mesmo me condeno”, o eu do cronista poderia dizer. “Eu não preciso de você, Estado judeu, para fazê-lo. Eu o faço melhor do que ninguém”.

O diálogo no bar entre o protagonista e sua esposa continua. Kashua prossegue abordando o tema relacionado ao preconceito e, de maneira altamente sarcástica, retrata de que forma o eu do cronista reage contra a discriminação das entrelinhas:

(...) 'Eu devo ter me comportado como um péssimo marido' (na noite em que foi expulso do bar). 'Você foi horrível', ela disse. 'Eu me desculpo de novo e quero que você saiba que farei de tudo para ser um homem de família exemplar'. 'Maravilha', ela disse, 'você terá uma oportunidade já neste domingo. É Purim, e as crianças têm uma festa'. 'Sim, é verdade. Eu havia prometido a elas que eu até me fantasiaria. Só ainda não me decidi do quê. Você tem uma ideia?'. 'Nenhuma. Só não se vista como nos últimos dez anos'. 'O que você quer dizer? Do que eu me vesti?'. 'De judeu'. 'O que?', eu ri, 'Um judeu ortodoxo? Com chapéu e *tzitziot*?¹³'. 'Não, só judeu'. 'Como alguém se fantasia de judeu? O que eu fiz, vesti roupas diferentes?'. 'Não. O mesmo de sempre. Você se levantou na manhã de Purim e gritou 'Eu sou um judeu'. Onde quer que fosse, na Cidade Velha, numa doceira ou na festa na escola das crianças, você anunciava que era um judeu'. 'OK, parece esquisito, mas por que você está brava? Não parece terrível'. 'Não? Colocar as crianças em fila e humilhá-las por causa de sua origem não é terrível?' 'Eu...', eu hesitei. 'Vir para casa bêbado e gritar que não sabia por que sua mãe te deixou se casar com uma mulher árabe não é horrível?'. Meu rosto ardeu de vergonha. Minha esposa ficou em silêncio, e o garçom chegou à nossa mesa por engano com um copo de uísque que me pareceu especialmente tentador. 'Não, é um erro', eu disse rapidamente. 'Não fomos nós que pedimos'. 'É para mim', disse minha mulher com raiva. Ela tirou o copo da bandeja e tragou a bebida num único gole". (*Haaretz*, 6 de março de 2009)

Purim é uma festa pós-bíblica do calendário judaico que relembra o etnocídio que teria sido perpetrado por um governante da Pérsia (Haman) contra os judeus se não fosse a perspicácia da Rainha Ester. Fantasiar-se está entre os diversos costumes de comemoração da festa. Algumas comunidades judaicas utilizam-se do consumo do álcool para diminuir o estado de consciência e não saber mais quem é perseguido e quem é perseguidor.

Uma possível interpretação para a compreensão desta crônica exige o seguinte esquema. Em Purim, o judeu, o perseguido, faz-se passar por Haman, o perseguidor. No Purim do eu do cronista, o perseguido, o árabe, se torna um nazista, e o perseguidor, o judeu, se torna um judeu enfileirado do campo de concentração nazista. Ou o perseguido, o árabe, se torna o racista que discrimina a mulher árabe. É uma inversão de papéis explícita, mocinho e bandido trocam e re-trocam de lugar até que não saibamos mais quem é quem. O árabe que teatraliza o judeu no campo de concentração e a mãe judia preconceituosa seriam figuras somente trágicas se não fosse um árabe falando de si mesmo. É ele, sob efeito do álcool, protagonizando o papel do outro, vendo como ele seria se estivesse no lugar do outro. Para Feldman (2006, p. 98), "na tragicomédia moderna, a comédia presta não a iluminar, mas a aprofundar a tragédia". Este é o caso desta crônica. O eu do cronista apropria-se de uma festividade judaica e de um costume que remete à história do povo judeu para apresentar, satírica e ironicamente, a sua condição de árabe na sociedade israelense.

Durante as eleições para o parlamento israelense de 2009, os árabes israelenses estiveram no foco dos noticiários devido à popularidade do líder que concorreu às eleições, Avigdor Lieberman¹⁴ e seu partido *Israel Beiteinu*. O partido obteve 14 cadeiras de um total de 120, o que lhe permitiu fazer

parte da coalizão do governo, e Lieberman ganhou o cargo de ministro das Relações Exteriores do País (Chanceler). Lieberman é autor do *slogan* “*Bli neemanut ein ezrahut*” (“Sem lealdade, não há cidadania”), que questiona o direito dos árabes à cidadania israelense. Ele também encabeça o chamado Plano Lieberman, que apoia uma troca de terra para assegurar a continuidade da maioria judaica em Israel. Uma proposta específica sugere a transferência de parte da população da região do Triângulo¹⁵ para a jurisdição da Autoridade Nacional Palestina (OLP) e de um futuro Estado Palestino em troca do controle sobre a maior parte dos blocos de assentamentos que estão construídos na Cisjordânia. Na sua coluna semanal, publicada em 19 de fevereiro de 2009, logo após as eleições, Kashua, de maneira autoirônica e satírica, faz referência aos resultados das eleições na crônica *Gdolim ioter mi Bar Refaeli* (*Mais famoso que Bar Refaeli*):

Senhoras e senhores, tenho a felicidade de contar que os árabes cidadãos israelenses tiveram seus 15 minutos de fama inaugurados nesta semana. Eu estou te dizendo, nestas últimas semanas os árabes estão sendo vendidos como bananas. Estamos falando do produto mais rentável no mercado de entretenimento internacional. Na última semana, dezenas de jornalistas estrangeiros entraram em contato comigo, todos me implorando por uma entrevista (...). O mundo ocidental descobriu o fenômeno natural conhecido como ‘árabes cidadãos israelenses’, e, se não me engano, a patente foi registrada abaixo do nome do cientista russo Lieberman. O slogan “Sem lealdade, não há cidadania” realmente pareceu confundir os membros da mídia estrangeira. ‘Só um segundo’, pediram os editores da Europa e Estados Unidos, ‘Sobre qual cidadania ele está se referindo?’. Antropólogos e zoólogos foram cha-

mados para dar explicações e, depois de muitos dias, eles chegaram à conclusão de que este fenômeno familiar é aquele algumas vezes referido entre pequenos grupos de historiadores ou cientistas pelo termo ‘árabes israelenses’. Outros pesquisadores também documentaram o uso do termo ‘Palestinos cidadãos de Israel’, enquanto que outros preferem denominá-los por meio de números, os ‘Árabes de 48’ (...). A princípio, eu não entendi por que eu estava sendo tão requisitado, até que entrei no *Google* procurando por *Árabes Israelenses* e descobri que meu nome aparecia na *Wikipédia* como um exemplar vivo do fenômeno. Eu era mencionado junto a dois outros escritores: o grande Emile Habibi e Anton Shammas – este último deixou sua terra natal há muitos anos e está se dando bem dando aulas em universidades norte-americanas de prestígio ao tentar explicar o conceito. O que me torna, de acordo com o *Google*, a primeira opção de contato quando alguém precisa preparar um artigo sobre os ‘árabes israelenses’ (...). Naturalmente, eu dei o meu melhor para difamar o Estado de Israel. ‘Ray-cee-zem’¹⁶ é uma das palavras que mais me ouvi inserir em toda frase. Eu tentei descrever o *status* dos cidadãos árabes, a discriminação e o pouco-caso, e dei uma lista completa de todas as mazelas pelas quais nós passamos. ‘Um minuto’, pediu um repórter de um conhecido jornal norte-americano. ‘Os árabes israelenses não vivem em cidades israelenses?’. ‘Não, você entendeu errado. Os árabes vivem em cidades árabes, muito negligenciadas, você sabe, ray-cee-zem e tudo mais. Há algumas cidades mistas, mas, na maioria dos lugares, há uma separação muito clara entre bairros judaicos e árabes. Dees-kreem-ee-nay-shun’. ‘Então o que você está dizendo é que a maioria dos árabes vive atualmente em campos de refugiados?’, o jornalista concluiu. Bem,

como eu poderia explicar isso a este idiota? Eu tentei do começo. 'You know, der ar deefreent kayndes off Erabs'. 'Me diga, por favor', me pediu uma repórter alemã, 'segundo tudo o que você está me dizendo, eu não entendo como você pode viver num bairro judaico'. 'O quê? Hummm, bem...', eu comecei a hesitar. Depois de todo este papo de ray-cee-zem e dees-kreem-ee-nay-shun, viver em um bairro judaico parecia doentio. 'É por motivos de pesquisa', eu me vi explicando. 'É para um livro que estou escrevendo como parte de uma pesquisa sobre ray-cee-zem na sociedade israelense. Eu tive que me mudar da cidade tão negligenciada onde nasci e cresci para um bairro judaico'. 'Como você consegue sobreviver?', ela me perguntou caridosamente, 'Como seus vizinhos reagem?'. 'Sem dúvidas que o ray-cee-zem será o grande tema de minha pesquisa', eu disse, encostando-me no sofá. 'Você não pode imaginar o que se passa por aqui. É um pesadelo. Licença, deixe-me ver quem está batendo na porta', eu disse, fazendo um esforço para deixar meu sofrimento de lado para ver quem estava tocando a campainha. Meu vizinho, que é um cara muito legal, estava lá. Ele queria saber se eu gostaria de ver um filme com ele. 'Claro', disse eu. 'Deixe-me somente me livrar desta alemã e vamos lá'. Eu voltei e me sentei em frente à mulher horrorizada. 'Quem era?', 'O vizinho', respondi. 'Está tudo bem? O que ele queria?' 'Você pode me dizer?', ela perguntou. 'Ah, sempre a mesma história. Ele bate na porta e eu a abro. Ele cospe em mim e vai embora'. Eu finjo limpar meu rosto e a alemã deixa cair uma lágrima.

Nesta crônica, Kashua deixa seu leitor em suspensão. Por que o personagem da crônica faria uma coisa dessas, fingir à jornalista alemã que é alvo de preconceito por sua vizinhança judaica

quando, na realidade, seus vizinhos o consideram um amigo? A pergunta fica no ar. Se o leitor de Kashua é, em sua maioria, de origem judaica, de perfil no espectro político esquerdista, que, teoricamente, é a favor da causa palestina e vê o árabe israelense como um cidadão igual, por que se utilizar do sarcasmo? É como se ele mostrasse ao seu leitor que, de qualquer forma, mesmo que seja assim, ainda existe um incômodo quanto à sua presença no Estado Judeu. Como na primeira crônica aqui trazida, o árabe não é discriminado por ser árabe (no primeiro caso, a discriminação ocorre por ser um alcoólatra – embora a presença de um guarda na porta de um café denote a insegurança do judeu em relação ao árabe, que poderia vir a ser um terrorista; na segunda crônica, o árabe também não sofre discriminação no campo pessoal – o que aconteceria no caso de um vizinho preconceituoso, mas sim em âmbito coletivo, como sugere o Plano Lieberman). Ainda assim, não solucionamos a problemática trazida pela crônica. Por que fingir sarcasticamente? Será que, dessa maneira, ele continuaria tendo fama? É com objetivo pessoal e egoísta que ele finge ser discriminado a nível pessoal? Se essa for a interpretação, Kashua utiliza-se da autoironia em sua crônica para alcançar a sua própria fama, rindo de si mesmo e da situação ambígua em que se encontra (política do Estado – representada pelo Plano Lieberman – *versus* o dia a dia do árabe israelense – um vizinho qualquer, um alcoólatra qualquer).

O comportamento do árabe nas crônicas poderia ser visto como o reflexo do preconceito que a sociedade israelense judaica nutre contra ele. Mas nós só vemos o reflexo. Vemos o reflexo no guarda da porta do café, o vemos no Plano Lieberman, o vemos na tentativa de categorização do árabe cidadão israelense, num vizinho que poderia existir. Mas por que não há situações *reais* de preconceito,

mas apenas situações vividas pelo eu do cronista na fantasia? Por que fantasiar o preconceito? Por que se fazer passar pelo *outro*, que, no mundo *real*, é o judeu que o quer expulsar, que o vê como um terrorista, que cospe em sua cara, que o categoriza, que o coloca em campos de concentração? Por que forjar um sotaque, uma situação que não acontece, ser outra pessoa? O *outro* e o *outro*, nos seus antagonismos, se parecem. Um árabe que se faz passar por um judeu racista ou por um judeu alvo de racismo, que se faz passar por um árabe alvo de racismo e preconceito, o preconceito de um e o preconceito do outro, um dia um está na fila do campo de concentração, outro dia é o outro quem está na fila. Ray-cee-zem, sotaque que ridiculariza ele próprio, assim como a sua imaginada-desejada perseguição pelo *outro*. A realidade de o eu do cronista viver pacificamente numa vizinhança judaica, de ser barrado num café não devido à sua origem árabe, mas por ser alcoólatra, a realidade do seu viver bem num país de liebermans e de categorizações, é uma mistura de culpa e satisfação que deságua no humor ácido corrosivo destas crônicas de Kashua. A ambiguidade deste personagem-escritor é a ambiguidade do gênero que permite que esta floresça e permaneça, tal como uma crônica bem escrita e elaborada, tal como um texto literário atual e transcendente.

É por esse motivo que a crônica é o local apropriado para o texto de Kashua: a ambiguidade do gênero e a necessidade da confrontação dos pares já relatados acima para que esta possa tornar-se objeto de pesquisa assemelham-se à necessidade da quebra das dualidades na sociedade israelense para compreendermos e convivermos com o eu do cronista de Sayed Kashua.

Os efeitos da crônica jornalística de Sayed Kashua ultrapassam as duplas identificação-divertimento e estranhamento-reflexão. Nelas, tudo ocorre si-

multaneamente. A anedota e o dito chistoso utilizados por Kashua detonam o riso, que podem divertir o público letrado do *Haaretz*, confirmando o lado útil e fútil da crônica, mas também podem provocar outro tipo de riso sutilmente irônico: a crítica irônica a uma sociedade no seu âmago. É na ambivalência entre o divertir e criticar que surge a corrosiva crítica social de Sayed Kashua.

NOTAS

1 Candido, 1992; Arrigucci Jr., 1987; Coelho, 2002; Simon, 2011; Oliveira, 2005, 2008.

2 Denomina-se árabe cidadão israelense aquele árabe ou falante do árabe que seja cidadão israelense não judeu. Os mulçumanos correspondem a 83% deste grupo (maioria sunita), enquanto que cristãos correspondem a 8,5% e drusos a 8,3%.

3 Marta Topel (em conversa pessoal, Universidade de São Paulo, São Paulo, março de 2011), entre outros autores, discorda da definição dos árabes israelenses como sendo uma minoria étnica. Para ela, eles devem ser considerados uma minoria nacional, mesmo que aceitem sua cidadania e não sejam separatistas. Isso porque, segundo ela, é preciso levar em conta fricções interétnicas para se estabelecer o *status* desta minoria. Para a finalidade deste trabalho, o conceito de minoria étnica cumpre os requisitos para análise das crônicas jornalísticas de Sayed Kashua.

4 O termo hebraico *Haaretz* refere-se à Terra de Israel.

5 Em <http://www.thenation.com/article/haaretz-israels-liberal-beacon?page=full>. Último acesso em 13 de abril de 2012. Tradução de Juliana Portenoy Schlesinger.

6 Desde o estabelecimento do Estado de Israel em 1948, o país vê-se envolvido em três principais conflitos referentes à população não judaica. Os conflitos se dão (1) entre o Estado de Israel e os países vizinhos; (2) entre judeus e palestinos dos territórios ocupados por Israel na Guerra de 1948 e na Guerra de 1967 e (3) entre judeus e árabes

cidadãos do Estado. Segundo Hofman (1972), esses conflitos são muito complexos por se estabelecerem em dois diferentes níveis, entre países e dentro de países, e por serem mutuamente influenciáveis.

7 Foi na Guerra de 1948 e na Guerra dos Seis Dias (1967) que Israel conquistou militarmente parte do território que pertenceria à Palestina, conforme resolução da ONU quanto à Partilha da Palestina, e parte do território de outros países vizinhos, como a Jordânia (Cisjordânia e Jerusalém Oriental), Faixa de Gaza (Egito) e Colinas do Golan (Síria).

8 Desde o início do assentamento judaico sionista na Palestina e durante todo o período do Mandato Britânico, a área residencial e principalmente educacional foi separada entre aquelas destinadas a árabes e judeus (GAVISON, 2000). Hoje em dia, o sistema público israelense de educação é organizado em três esferas: “judaica-geral”, “judaica-religiosa” e “árabe”. Nos dois setores judaicos, a língua de instrução é o hebraico, enquanto o árabe é a língua de instrução do setor árabe. Os três setores são governados e pedagogicamente administrados pelo Ministério da Educação israelense. As escolas públicas religiosas gozam de autonomia pedagógica. As escolas judaicas gerais ensinam o árabe como terceira língua opcional depois do inglês (ainda assim, o árabe pode ser substituído pelo francês e novos imigrantes estão desobrigados de estudar essa terceira língua). Não está incluído no currículo escolar o estudo da história ou cultura árabe. Em 1996, 40% das crianças nas escolas judaicas estudavam o árabe durante três anos (SPOLSKY; SHOHAMY, 1996). Atualmente, existem em Israel as chamadas escolas bilíngues árabe-hebraicas. Bekerman (2005) acredita que a iniciativa dessas escolas encoraja a tolerância sociocultural e o reconhecimento da legitimidade de cada um dos grupos, além de permitir aos alunos tornarem-se bilíngues. Contudo, de acordo com ele, quando a influência dos contextos sociais, históricos e políticos em áreas de conflito é desconsiderada na implementação dessas escolas, esses esforços educativos podem ser prejudicados. Já Schlesinger (2005) acredita que a escola bilíngue árabe-hebraica, durante suas atividades informais, é bem sucedida em quebrar as hierarquias verificadas nas línguas hebraico e árabe em Israel, respectivamente as línguas da maioria e da minoria

da população. Ela também é bem sucedida em relação à coexistência dos dois grupos étnicos. Contudo, durante as atividades formais, a escola utiliza-se da separação já verificada na sociedade israelense entre os falantes do hebraico e os do árabe, redemarcando fronteiras de identidade e de etnicidade.

9 Sayed Kashua, em conversa pessoal, Jerusalém, dezembro de 2011.

10 Sayed Kashua, em conversa pessoal, Jerusalém, fevereiro de 2009.

11 Sayed Kashua, em conversa pessoal, Jerusalém, dezembro de 2011.

12 Todas as traduções do hebraico das crônicas de Sayed Kashua foram feitas por Juliana Portenoy Schlesinger e são de sua responsabilidade.

13 No singular *tzitzit*, os *tzitziot* aos quais o eu do cronista se refere são as franjas visíveis do *talit katan* (espécie de camiseta dotada de quatro pontas utilizada por baixo da camisa), principalmente usado por judeus ortodoxos.

14 Avigdor Lieberman é atualmente ministro das Relações Exteriores de Israel.

15 Kashua e sua família, como dito anteriormente, provêm da cidade de Tira, localizada na região do Triângulo, que está incluída no plano de troca de Avigdor Lieberman.

16 Kashua utiliza-se, nesta crônica, de termos ingleses transcritos tais como pronunciados pelos falantes do árabe, fazendo piada até mesmo de seu sotaque. Por decisão da autora, estes termos foram mantidos na tradução, como acontece no caso de “*Ray-cee-zem*” (racismo), “*Dees-kreem-ee-nay-shun*” (discriminação) e da frase “*You know, der ar deefreent kayndes off Erabs*” (“Você sabe, há diferentes tipos de árabes”).

REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI, Davi Jr. *Enigma e Comentário*; Ensaios sobre Literatura e Experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BEKERMAN, Zvi. “Complex contexts and ideologies:

bilingual education in conflict-ridden areas." *Journal of Language, Identity, and Education*, vol. 4 (1), 2005, p. 21-44.

CANDIDO, Antonio (et.al.). *A Crônica; o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, São Paulo: Ed. UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

_____. Antonio. *Literatura e Sociedade*. 8a. ed. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 2000.

CENTRAL ISRAELENSE DE ESTATÍSTICAS, 2007. Disponível em www.cbs.gov.il. Acesso em 29 de novembro de 2010.

COELHO, Marcelo. "Notícia sobre a crônica" in CASTRO, Gustavo; GALENO, Alex (orgs.). *Jornalismo e literatura; a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002, p. 155-162.

FELDMAN, Alexandre Daniel de Souza. *O éden de Arthur Miller: elementos bíblicos e existencialistas na peça A Criação do Mundo e outros Negócios – seriedade e crítica em uma obra cômica*. São Paulo: 2006 (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo.

GAVISON, Ruth. "Does equality require integration? A case study." *Democratic Culture*, Bar-Ilan University Press, Ramat Gan, vol. 3, 2000, p. 37-87.

HOFMAN, John E. "Readiness for social relations between Arabs and Jews in Israel". *The Journal of Conflict Resolution*, vol. 16, n. 2, June 1972, p. 241-250.

KASHUA, Sayed. *Aravim Rokdim* (Árabes Dançantes) (em hebraico). Tel Aviv: Modan, 2002.

_____. *Vaiehi Boker* (Fez-se a manhã) (em hebraico). Jerusalém: Keter, 2004.

_____. *Guf Shení Iachid* (Segunda Pessoa do Singular) (em hebraico). Jerusalém: Keter, 2010.

_____. *Gdolim ioter mi Bar Refaelí* (Mais famoso que Bar Refaelí), 19 de fevereiro de 2009. Disponível em <http://www.haaretz.co.il/misc/1.1246766>. Último acesso em 4 de abril de 2012.

_____. *Car'u li Mordechai* (Chamaram-me de Mordechai), 6 de março de 2009. Disponível em <http://www.haaretz.co.il/>

[misc/1.1249112](http://www.haaretz.co.il/misc/1.1249112). Último acesso em 4 de abril de 2012.

OLIVEIRA, Maria Rosa Duarte de. "A crônica machadiana entre o jornal e o livro". In: BERRINI, Beatriz (org.). *Eça & Machado*; Simpósio Internacional PUCSP-UNICAMP. São Paulo: EDUC, Fapesp, Fundação Gulbenkian, 2005, p.225-240.

_____. "O cronista ilustrado e o burro-filósofo". *Revista da ANPOLL - 1908: Machado de Assis e Guimarães Rosa; aspectos linguísticos e literários*, vol. 2, n. 24. Brasília, DF, jan/jul 2008, p. 31-45.

SCHLESINGER, Juliana P. *Languages reveal boundaries of identity in a Bilingual Arabic-Hebrew Kindergarten in Jerusalem* (dissertação de Mestrado). Universidade Hebraica de Jerusalém, 2005.

_____. *Conflitos identitários do árabe israelense: Aravim Rokdim de Sayed Kashua* (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas e Língua, Literatura e Cultura Árabe, Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2011.

SCHULT, Christoph. *Newspaper Without a Country*. Disponível em <http://www.spiegel.de/international/world/0,1518,599005,00.html>. Último acesso em 4 de abril de 2012.

SIMON, Luiz Carlos. *Duas ou três páginas desprentensiosas; a crônica, Rubem Braga e outros Cronistas*. Londrina: Eduel, 2011.

SPOLSKY, Bernard; SHOHAMY, Elana. "National profiles of languages in education in Israel". *Language Policy Research Center*, v. 18, 1996.

ZIV, Avner. *Jewish Humor*. Tel Aviv: Papyrus-Publishing House at Tel-Aviv University, 1986.

Recebido em 13/04/12

Aceito em 20/06/12